

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURA

JANAINA DA SILVA CANDIDO

**ELEMENTOS DA NATUREZA NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA E
MANOEL DE BARROS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2020

JANAINA DA SILVA CANDIDO

**ELEMENTOS DA NATUREZA NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA E
MANOEL DE BARROS**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura... ..” - Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando Lima.

CURITIBA - PR

2020

TERMO DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



ELEMENTOS DA NATUREZA NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA E MANOEL DE BARROS

por

JANAINA DA SILVA CANDIDO

Esta monografia foi apresentada às 15:45 do 24/08/2020 como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** – Polo de Indaial - SC, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**

Marcelo Fernando de Lima

Maurini de Souza

Eliane Basílio de Oliveira

a autenticidade deste documento pode ser verificada através da URL:
<http://certificados.utfpr.edu.br/validar/0594797C>

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros e respeitosos agradecimentos ao orientador desta monografia.

RESUMO

Este trabalho propõe uma discussão acerca do contato do homem com o mundo natural, a partir do objetivo geral de analisar a subjetividade de Manuel Bandeira e Manoel de Barros em relação aos elementos da natureza presentes em suas poesias. A renovação poética defendida pelo Modernismo idealiza explorar cada ser mínimo sem comparações que submetam à superiorização. Frente à relação do ser humano com o não-humano, surge a Ecocrítica, que presta grande contribuição para com a compreensão do homem como parte de um todo.

Palavras-chave: Poesia, Natureza, Beleza, Conexão, Ser humano.

*“Medicina, Direito, Administração, Engenharia, são atividades nobres, necessárias à vida. Mas a poesia, a beleza, o romance, o amor, são as coisas pelas quais vale a pena viver.”
(Sociedade dos Poetas Mortos).*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 MANUEL BANDEIRA E MANOEL DE BARROS E O MUNDO NATURAL.....	8
2.1 Encantos em torno da lua.....	9
2.2 Simbologia das plantas.....	11
2.3 O recurso da personificação dos animais.....	13
2.4 Ecocrítica.....	16
2.4.1 Matéria de poesia” e “Uma didática da invenção.....	17
2.4.2 Satélite e Luar de maio.....	17
2.4.3 Bernardo é quase uma árvore.....	18
2.4.4 Borboletas e Um bem-te-vi.....	19
2.4.5 Os sapos.....	20
3 METODOLOGIA.....	21
3.1 Caracterização da Pesquisa.....	21
3.2 Procedimentos da Pesquisa.....	21
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	22
4.1 A poesia des(oculta).....	22
4.2 A presença do bucolismo no Modernismo.....	22
4.3 Exploração da personificação.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	23
APÊNDICE A.....	276
APÊNDICE B.....	Erro! Indicador não definido.

1 INTRODUÇÃO

A natureza é admirada não somente pelos amantes de poemas e das artes visuais, como também por qualquer indivíduo que, no presente século XXI, sente necessidade de contemplar e compartilhar tudo de belo que ela nos apresenta através de registros fotográficos com legendas criadas a altura.

Assim na pintura como na poesia, os autores buscam expressar o que sentem de modo que seus traços, seleção de cores e de palavras impressionem os interlocutores. No que confere ao segundo gênero citado, pode-se perceber que escritores como Manoel de Barros e Manuel Bandeira optam, em diversos poemas, por versos brancos repletos de linguagem figurada. Em suas poesias, elementos naturais são observados sob uma perspectiva artística: "como uma pintura que fala", segundo definição de Leonardo da Vinci sobre a poesia em geral.

Diante dessas considerações, o objetivo geral deste estudo compreende analisar a subjetividade de ambos os poetas em relação aos elementos da natureza presentes em suas poesias. Para tanto, pretende-se comparar alguns de seus poemas quanto aos aspectos naturais, bem como relacioná-los com a Ecocrítica, verificar como o bucolismo se faz presente no Modernismo e indicar algumas técnicas de produção poética a partir da exploração da personificação.

Portanto, a área escolhida para esta pesquisa foi a literatura. Os poemas a serem analisados são: "Satélite", "Luar de maio", "Os sapos", bem como alguns de Barros como "Matéria de poesia", "Uma didática da invenção", "Borboletas", "Um bem-te-vi" e "Bernardo é quase uma árvore".

Os procedimentos metodológicos para a coleta de dados baseiam-se em construção de hipóteses e levantamento bibliográfico, embasamento em artigos científicos, além de outros livros de Manuel Bandeira e de Manoel de Barros e revistas.

Por meio da fundamentação teórica, é possível conhecer técnicas adotadas através dos procedimentos metodológicos e conferir os resultados obtidos apresentados no tópico Apresentação e discussão dos resultados e, por último, saber das conclusões em considerações finais.

2 MANUEL BANDEIRA E MANOEL DE BARROS E O MUNDO NATURAL

A natureza se apresenta de maneira ímpar, mas ao mesmo tempo em comum aos sujeitos que a contemplam. Ao tomarmos como exemplo alguns poemas de dois autores brasileiros do Modernismo, constata-se que ambos observam e exploram os elementos naturais por meio de comparações e personificações que expressam um sentimento especial para com o mínimo ser compartilhado. No caso de Manuel Bandeira, Flores (2018, p. 3,4) destaca que “Parte da crítica fixou a imagem de um poeta voltado ao sublime que se desvendaria a partir do banal, dedicado a extrair poesia ‘de tudo’”.

A arte de enxergar poesia naquilo que é tão comum aos olhos alheios nos faz analisar a conexão do homem com as coisas ao prestar atenção aos detalhes da simplicidade. O poema a seguir, intitulado Matéria de poesia, de Manoel de Barros assinala que:

Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para poesia

O homem que possui um pente
e uma árvore serve para poesia

Terreno de 10 x 20, sujo de mato — os que
nele gorjeiam: detritos semoventes, latas
servem para poesia

Um chevroleté gosmento
Coleção de besouros abstêmios
O bule de Braque sem boca
são bons para poesia

As coisas que não levam a nada
têm grande importância

Cada coisa ordinária é um elemento de estima
Cada coisa sem préstimo tem seu lugar
na poesia ou na geral

Qualquer coisa provê poesia para alguém com habilidade de encontrá-la e mostrar sua imagem a partir de escolhas semânticas capazes de valorizá-la, num processo do qual a estilística é essencial. No poema “Uma didática da invenção”, Barros observa que:

O rio que fazia uma volta
atrás da nossa casa
era a imagem de um vidro mole...

Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz...
se chama enseada...

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
que fazia uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem.

De acordo com o blog Cultura Genial:

No belíssimo *Uma didática da invenção* vemos como a palavra poética é capaz de mudar a interpretação que construímos de uma paisagem. A maioria de nós provavelmente olharia o contorno do rio e chamaria o espaço de enseada, termo capaz de condensar em poucas letras a configuração da paisagem. O eu-lírico, no entanto, não se conforma com a escolha desse nome vulgar porque acha que ele não é capaz de capturar a beleza daquele panorama.¹

A subjetividade do eu lírico em um poema é constatada por uma aproximação entre o mínimo detalhe da coisa com um elemento que busque uma conotação ideal ao lançar mão de recursos como metáforas, metonímias, personificações, aliterações, assonâncias etc. Em outras palavras, é o produto da nossa imaginação que faz com que enxerguemos as coisas com conotação (assim como a cobra de vidro) e, quando isso não ocorre, é porque literalmente apenas olhamos (assim como a enseada). Esses dois pares possuem a semelhança proporcionada pela curva transparente e a distinção quanto ao valor, já que a primeira não é mais tão somente algo comum.

Não é coincidência que poemas parecem até infantis de tão fantasiosos, mas são profundos a certa medida, conforme percebemos o quanto foi explorado ali - Manoel de Barros é exemplo disso - e que a poesia requer arte para ser apresentada.

Diante das imagens presentes na poesia, não só na de Bandeira e na de Barros, há uma aproximação entre pintura e poética de modo que a própria natureza dispõe de elementos pitorescos como a tão glorificada lua.

2.1 Encantos em torno da lua

Se por um lado o eu lírico necessita de uma metáfora para considerar a volta que o rio dá ao invés de chamá-la de enseada, por outro, o nome científico da lua é subjetivamente retratado em "Satélite", por Manuel Bandeira:

¹ Responsável pelo conteúdo: Rebeca Fucks. Visualizado em: abr. 2020 (ACESSO EM: ABR. 2020).

Satélite

Fim de tarde.
No céu plúmbeo
A lua baça
Paira.
Muito cosmograficamente
Satélite.

Desmetaforizada,
Desmitificada,
Despojada do velho segredo de melancolia,
Não é agora o golfão de cismas,
O astro dos loucos e enamorados,
Mas tão somente
Satélite.

Ah! Lua deste fim de tarde,
Desmissionária de atribuições românticas;
Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia, gosto de ti, assim:
Coisa em si,
-Satélite.

Edimara Lisboa Aguiar (2010) aponta que a denotação foi significativa para a busca de encontrar subsídios a fim de tornar a lua antirromântica, visto que já era objeto de poetização e a intenção era torná-la simples. Por isso, Bandeira empregou termos que conferem com esse sentido como “desmetaforizada” e “desmitificada” e, segundo a ênfase de Aguiar, dividiu o poema em quatro estrofes, das quais cada uma representaria uma fase do astro a partir da observação de que o poema forma uma meia lua (a forma em Quarto Minguante) em seu momento que antecede à fase nova, que ressurgiu como satélite, sem conotação.

Toda a admiração pela lua pode estar ligada a seu brilho, contudo, cientificamente, ela não tem luz própria. Mesmo assim, o eu lírico diz que gosta dela daquele jeito (no céu plúmbeo, cinza). A simplicidade oculta também não perdeu o encanto nos versos de João Bosco e Aldir Blanc, citados por José Luiz Fiorin (2012, p.31) na revista *Língua*: “A lua/ Tal qual a dona do bordel/ Pedia a cada estrela fria/ Um brilho de aluguel.”.

Além de uma personificação que possibilita compreender que a lua não chama a atenção por si só ao ser iluminada por outros corpos celestes, mas que passa a ser superior devido à imponência, as rimas não poderiam ser mais significativas, pois a dona do bordel é quem pede o brilho de aluguel a cada criatura considerada inferior.

A luz dos astros desencadeia sentimento desapropriado de inveja do inferior para o superior, iniciado por um vaga-lume em um poema de outro autor brasileiro. Para Fiorin (2012, p.31), “Machado de Assis, no poema ‘Círculo vicioso’, tematiza a insatisfação com o

que se é o desejo de se tornar outra coisa, com a personificação de um vaga-lume, de uma estrela, da lua e do sol, que representam então os seres humanos”. Esse desejo pode ocorrer pela simples admiração de um sujeito para um astro, para um animal, para uma flor, e é o contato com esses seres que revela a identificação pessoal de escritores e de leitores.

Em seu poema “Luar de maio”, Bandeira (2008, p.217) o inicia com personificações na primeira estrofe: “Minha janela dorme aberta. Ora, hoje o luar/ Viu a janela aberta e entrou discretamente./ O luar é o mistério e o sonho... quem não sente/ Ao vê-lo, uma saudade antiga despertar?”, que traçam um paralelo entre as ações atribuídas para a janela e para o luar e permitem imaginar a iluminação do segundo irradiar o primeiro, que estava aberto e, por isso, essa luz penetrou o ambiente interno como se fosse as recordações, surgindo na mente que estava aberta para recebê-las tal qual a janela estava.

Os terceiro e quarto versos apresentam o místico e a melancolia que vestem a saudade, cuja submete às estrofes seguintes. Portanto, convém considerarmos a solidão da lua no infinito do céu, sentimento comum aos humanos. Por outro lado, outros elementos também podem representar nossas angústias pessoais.

2.2 Simbologia das plantas

As diferentes espécies de plantas fazem referências aos seres humanos devido a semelhanças que habitam a essência de ambos. Em um trabalho desenvolvido por Davi Arrigucci Jr, o poema “O cacto”, de Manuel Bandeira, evidencia como esta planta presente no cotidiano do Nordeste brasileiro possui relações com aquele povo.

Quando vemos um cacto, logo nos é apresentada a ideia do sofrimento causado pela seca na região da caatinga. No entanto, persiste a qualidade de resistência de que a imagem da planta detém - a luta do povo que sofre com a miséria – e que é tema de pinturas.

é preciso acrescentar a referência a Tarsila, [...] Paisagem brasileira, de 25, onde as imagens de cactos se associam, em paralelismo, a figuras humildes de gente pobre e animais domésticos [...] o poema parece dar forma objetiva a uma desmedida força dramática de sentido trágico, encarnada na figura espinhosa [...] da planta que lembra o homem dilacerado pela dor (ARRIGUCCI, 1997, p.30, 43).

Embora a figura do espinho não esteja relacionada apenas ao cacto, mas também à beleza de uma rosa, que pode nos ferir assim como a mais delicada atitude humana, a divergência existente entre ambos consiste na própria relação do espinho com os pares: enquanto na rosa ele envolve a fragilidade do belo, no cacto molda a dureza do forte.

A identificação de nossas personalidades com plantas também ocorre no poema “Bernardo é quase uma árvore”, de Manoel de Barros:

Bernardo é quase uma árvore

Bernardo é quase uma árvore
 Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem
 de longe
 E vêm pousar em seu ombro.
 Seu olho renova as tardes.
 Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho;
 1 abridor de amanhecer
 1 prego que farfalha
 1 encolhedor de rios - e
 1 esticador de horizontes.
 (Bernardo consegue esticar o horizonte usando três
 Fios de teias de aranha. A coisa fica bem esticada.)
 Bernardo desregula a natureza:
 Seu olho aumenta o poente.
 (Pode um homem enriquecer a natureza com a sua
 Incompletude?)

Segundo o blog Cultura Genial,² o personagem Bernardo possui semelhança com uma árvore devido a sua intimidade com a natureza, relação traçada por Manoel com devida importância para com a criatividade e a sabedoria adquirida em contato com o natural.

Já os dois últimos versos reforçam a ideia de encantamento (através do verbo enriquecer) que a natureza proporciona pela magia e pelo seu mistério característico, na tentativa de olhar atentamente o que ela tem a nos oferecer.

2.3 O recurso da personificação dos animais

Quando se fala em personificação de animais, logo podemos relacionar a fábulas ou contos infantis. No entanto, no campo poético, insetos, aves e até sapos ganham um tratamento especial pelos Mano(u)éis, considerados os aspectos que os qualificam não somente como meros estereótipos contados em histórias infantis.

O poema “Borboletas”, de Manoel de Barros, tange o ponto de vista do eu lírico sob outra perspectiva:

Borboletas

² Responsável pelo conteúdo: Rebeca Fucks. Visualizado em: abr. 2020 (ACESSO EM: ABR. 2020).

Borboletas me convidaram a elas.
 O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.
 Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.
 Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta seria, com certeza,
 um mundo livre aos poemas.
 Daquele ponto de vista:
 Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens.
 Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens.
 Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens.
 Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas.
 Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do ponto de vista de
 uma borboleta.
 Ali até o meu fascínio era azul.

É preciso apontar que a borboleta passa por uma metamorfose para conquistar a liberdade e mostrar sua beleza transformada. Assim como uma lagarta qualquer, a poesia passou por transformações até atingir um nível de liberdade e beleza que, no poema, foram marcantes para a mudança de ponto de vista.

Conforme o blog Cultura Genial³ “o autor, basicamente, exibe uma inteligência e sabedoria da natureza muito maior do que a dos seres humanos, que se esquecem muitas vezes que são parte da natureza.” Poderia se dizer ainda que o efeito expressivo da personificação expõe os sentimentos do eu lírico através de borboletas, que não passaram despercebidas e que foram analisadas segundo os interesses dele.

Justamente por se sentir convidado pelas borboletas é que o eu lírico se sente parte da natureza. O fascínio pelo inseto poderia ser apenas um acontecimento banal, mas este é pitorescamente descrito por Barros como em “Um bem-te-vi”:

Um bem-te-vi
 O leve e macio
 raio de sol
 se põe no rio.
 Faz arrebol...
 Da árvore evola
 amarelo, do alto
 bem-te-vi-cartola
 e, de um salto
 pousa envergado
 no bebedouro
 a banhar seu louro
 pelo enramado...
 De arrepio, na cerca
 já se abriu, e seca.

³ Responsável pelo conteúdo: Laura Aidar. Visualizado em: abr. 2020 (ACESSO EM: ABR. 2020).

“Nesse texto, Manoel nos descreve uma cena bucólica e bastante habitual de um bem-te-vi a banhar-se em um fim de tarde. [...] maneira de incentivar a imaginação e valorização da natureza e das coisas simples, nos colocando como testemunhas das belezas do mundo.” (CULTURA GENIAL)⁴

Os dois poemas acima, de Manoel de Barros, personificam seres livres. O autor foi livre na opção de criar rimas no segundo e anáforas a partir do sétimo verso até ao arremate da sequência com os três últimos no primeiro poema.

Elementos da natureza e animais exalam e são dignos de poesia, cada qual com sua singularidade. Bandeira, neste sentido, teve a ousadia e a liberdade de construir versos que chamam a atenção para “Os Sapos”:

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.
Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancionero
É bem martelado.
Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.
O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.
Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.
Clame a saporaria
Em críticas cétricas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."
Urria o sapo-boi:
- "Meu pai foi rei!" - "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

⁴ Responsável pelo conteúdo: Laura Aidar. Visualizado em: abr. 2020 (ACESSO EM: ABR. 2020).

Ou bem de estatuário.
 Tudo quanto é belo,
 Tudo quanto é vário,
 Canta no martelo".
 Outros, sapos-pipas
 (Um mal em si cabe),
 Falam pelas tripas,
 - "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".
 Longe dessa grita,
 Lá onde mais densa
 A noite infinita
 Veste a sombra imensa;
 Lá, fugido ao mundo,
 Sem glória, sem fé,
 No perau profundo
 E solitário, é
 Que soluças tu,
 Transido de frio,
 Sapo-cururu
 Da beira do rio...

Conforme a análise disponível no blog Cultura Genial ⁵, os versos visavam à necessidade da transformação da poesia através da ruptura:

Os versos de Manuel Bandeira são metalinguísticos porque falam da própria poesia, ou melhor, daquilo que a poesia não deveria ser. Os sapos refletem sobre o que supostamente é a arte e o bom poema. O que o diálogo imaginário entre os sapos produz é um exercício de reflexão sobre as normas de composição dos versos.

Os sapos mencionados (o boi, o tanoeiro, o pipa) são metáforas dos diferentes tipos de poetas. O sapo-tanoeiro é um típico exemplar do poeta parnasiano, que destila as regras de composição:

[...]

O sapo-cururu, por sua vez, é uma representação do poeta modernista que aspira por liberdade e reivindica a simplicidade e o uso de uma linguagem cotidiana. ⁶

Assim como Barros utilizou-se de poema para falar de inspirações em “Matéria de poesia”, Bandeira fez o mesmo para falar de composição poética a partir da discussão imaginária entre os sapos. Cabe salientar, pois, alguns pontos no diálogo deles:

- a) O adjetivo **martelado** faz referência à semelhança com o ritmo do barulho dos sapos à noite na beira de um lago, daí a ideia de que versos que seguem as regras de composição são bem martelados. De acordo com a capacidade de adquirir artes poéticas, o tanoeiro responde que tudo quanto é vário canta no martelo;
- b) A discussão: "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!", - "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!" lembra os berros dos sapos, que se assemelham a marteladas;

⁵ Responsável pelo conteúdo: Rebeca Fucks. Visualizado em: abr. 2020 (ACESSO EM: ABR. 2020).

⁶ Responsável pelo conteúdo: Rebeca Fucks. Visualizado em: abr. 2020 (ACESSO EM: ABR. 2020).

- c) O sapo-cururu representa o poeta modernista, como bem apontou Fucks, que num contexto atual poderia representar um participante de batalha de rimas ou um adolescente excluído, isolado.

A personificação é compreendida como uma representação dos humanos no cotidiano. No âmbito que confere a relação do ser humano com a natureza e a liberdade dos seres vivos como vidas que merecem respeito, o próximo subtítulo tratará de ecocrítica.

2.4 Ecocrítica

Segundo Greg Garrard (2006, p.8) “a definição mais ampla do objeto da ecocrítica é a de estudo da relação entre o humano e o não-humano, ao longo de toda a história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo ‘humano’”.

Essa busca pela compreensão do contato do ser humano com a natureza é uma prática que percorre há tempo. “Desde as reações poéticas do movimento do romantismo à Revolução Industrial, a pastoral tem moldado de forma decisiva nossas construções da natureza. [...] o tropo bucólico deve continuar e continuará a ser de interesse fundamental para os ecocríticos.” (GARRARD, 2006, p.27).

Certo de que a ecocrítica baseia-se no modo como o humano está ligado aos demais elementos naturais, o bucolismo é visto como a base deste estudo, através da literatura e de outras artes. Para Santos (2017, p.3) “percebe-se uma perspectiva de não separação entre estética e ética, ou, ainda, estética e princípios morais, utilidade mimética. Acreditava-se, na Grécia e na Roma antigas, que poetas, ou seja, artistas, pudessem ensinar, tendo em vista que possuíam saberes técnicos ou científicos.”

Vê-se que a arte, principalmente a literatura, é responsável por traçar indagações acerca do papel do humano e seu lugar na natureza. Em um estudo denominado “Imagens da natureza na poesia de Helena Kolody e na pintura de Miguel Bakun”, Vanderlei Kroin declara que “Atemporais, as obras permitem ao homem pensar sobre si e sobre o mundo. [...] Busca-se, hoje, [...] evidenciar o realce das diferenças, sem inferiorização dos objetos (textos/obras) equiparados, busca-se elencar as semelhanças sem desprezar o diálogo contido neste parecer aproximativo.” (KROIN, 2016, p. 2, 3).

Em outras palavras, a ecocrítica visa valer-se da linguagem artística para aproximar o humano do mundo natural, ao induzir o pensamento acerca do conceito de ser humano (no sentido do verbo ser + adjetivo). É com essa interação que é possível entender a espécie

humana como um conjunto de seres que convive com outras espécies (não – humanas) sem se achar dominante de um mundo cujo não se é o dono.

Há um fragmento de “Memórias inventadas” (Manoel de Barros) citado por Balthasar (2018, p.168) que diz: “Cresci brincando no chão, entre as formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.” Esta última frase resume bem a ideia de que se existe superiorização, é porque o hábito da comparação a tornou inevitável. Entretanto, quando a comunhão prevalecer, a valorização será corrente.

A seguir, é possível verificar como cada elemento natural, grande ou pequeno, é particularizado na poesia de Manoel de Barros e de Manuel Bandeira e compreender o cotidiano a partir do lirismo de ambos.

2. 4. 1 “Matéria de poesia” e “Uma didática da invenção”

A interação entre esses dois poemas de Manoel de Barros se desenrola entre a poesia que está implícita em cada coisa que possa parecer insignificante e a habilidade de designá-la subjetivamente da maneira mais apropriada possível.

Ao buscar o tratamento mais adequado para uma enseada, o interlocutor entra em contato com o natural e vai além da denotação ao desentranhar uma cobra de vidro - uma invenção como o próprio título sugere – que revela uma prática poética que visa estabelecer um elo entre o humano e o não-humano.

Nesse processo, é primordial ter sensibilidade, imaginação e criatividade suficiente para que o comum ganhe destaque e seja integrante.

2.4.2 “Satélite” e “Luar de maio”

O mundo natural é apontado por Garrard (2006) de modo que diferencia a apreciação entre o belo, que é amado pela sua delicadeza representada pela inferioridade feminina diante do sublime, que é admirado por sua vastidão e sua força masculina superior.

Essa noção faz sentido com a desmetaforização da lua no poema “Satélite” para torná-la humilde e destacar a “denotação” como a fase moderna e renovada, com a força e o poder do luminoso luar em “Luar de maio”, que entra discretamente pela janela aberta. A impressão de que a luz possa ser invasiva é, pois, incompreendida por ela adentrar um ambiente que parecia conceder isso.

Nem a lua iluminada, nem o satélite que surge no fim da tarde, possuem diferenças quanto à ciência, mas sim na maneira como são vistos e sentidos. Embora as duas imagens sejam iguais em algum aspecto, a luz do luar acaba por “dominar a cena” na qual ela está presente. Mas como tudo se torna dependente, enquanto parte do satélite está sendo iluminada, a outra aguarda a sua vez.

Sob o ideal de que tudo tem seu valor para ser admirado, o ecofeminismo, segundo José Pedro Soares Martins (1991), contribui para a renovação espiritual da humanidade, já que o capitalismo carrega a marca do domínio dos homens sobre a natureza devido à consideração de ser superior. O movimento ecofeminista tem quatro princípios básicos, os quais defendem a ideia de que nada é superior a nada num processo de interdependência, mas que tudo está interligado e, por isso, é preciso que toda vida seja preservada com igualdade – sem superiorização das espécies - e que seja vivida em plenitude.

O senso crítico, nesta questão, prevê trabalhar mais o bem estar e a profundidade do que a razão econômica. Na verdade, pretende-se estabelecer atitudes equilibradas que pensem no bem de todos no meio ambiente.

2.4.3 “Bernardo é quase uma árvore”

Outra consideração de Garrard é que “A figura da habitação da terra é crucial, já que marca a natureza como o campo conturbado do trabalho, do saber, da economia e da responsabilidade, ao passo que o índio ecológico habita um éden improvável, não afetado pela ignorância, pela estupidez ou pela ganância.” (GARRARD, 2006, p.95).

A mudança de moradia da zona rural para centros urbanos implicou, inevitavelmente, o afastamento do contato das pessoas com a natureza. Enquanto a cidade oferecia maiores oportunidades de trabalho em indústrias, aquele que morava no campo, por sua vez, ficava mais próximo do mundo natural. No caso de habitar na mata:

Para a maioria dos povos indígenas, a natureza é a sua própria razão de ser. É inconcebível para os povos indígenas que a terra possa ser comprada e vendida. A terra é a mãe terra – como alguém pode comprar ou vender a própria mãe? [...] Entretanto, a própria evolução do capitalismo levou à emergência do movimento indigenista, que busca resgatar os valores dos povos indígenas, no sentido de ver uma nova vida em sociedade [...] Também a cultura negra, com todos os seus valores de alegria, musicalidade, respeito à natureza, está contribuindo decisivamente para a busca de um novo modelo de desenvolvimento que respeite os valores culturais mais íntimos de todos os povos da Terra. (MARTINS, 1991, p.68; 69; 70)

A exploração de matas e de florestas e a poluição, causada pela industrialização, é um problema que afeta não apenas a espécie humana, mas sim insetos, aves, peixes, animais selvagens e outros seres vivos. (importantes para haver o equilíbrio ambiental).

Em “Bernardo é quase uma árvore”, Manoel de Barros dá indícios de ações que possam ser sustentáveis para fazer o que precisamos ou desejamos: “(Bernardo consegue esticar o horizonte usando três/ Fios de teias de aranha. A coisa fica bem esticada.)”. Isso porque se considerarmos a dimensão de um horizonte esticado com apenas três fios de teia de aranha, podemos dizer que esses versos simbolizam trabalhos feitos a partir de economia de materiais que não agridem tanto o meio ambiente.

Félix Guattari (2001, p. 26; 27) acredita que “O que condena o sistema de valorização capitalístico é seu caráter de equivalente geral, que aplaina todos os outros modos de valorização, os quais ficam assim alienados à sua hegemonia”.

Em seu trabalho “Natureza e modernização em ‘O cacto’, de Manuel Bandeira”, Flores aponta que:

O cacto e o tufão surgem agressivamente como forças indiferentes à mesquinhez ordinária. As referências à modernização não sugerem a ampliação contínua da dominação da natureza pela técnica. Ao contrário. Surgem como partes de um cenário apequenado e passivo que sofre a ação de forças incomparavelmente superiores. [...] Faz-se a partir de um jogo estético de primeira ordem que torna a figuração do “progresso” uma nódoa, um elemento menor e menos relevante da paisagem geral. (p. 9,10)

A citação acima revela a (in)significância do processo de modernização diante da grandeza de todo o aspecto natural que sofre as consequências. Se a maioria se considerasse tão parte da natureza quanto o personagem Bernardo, a ponto de ser quase uma árvore, e entender que a própria natureza é o reflexo de nossas ações, certamente a harmonia entraria em jogo com a interação.

2. 4.4 “Borboletas” e “Um bem-te-vi”

As ações do bem-te-vi constroem a imagem de um ser livre para banhar-se nas águas de um rio e se secar numa cerca sem ser tomado por aquele que o aprecia, mas que este se sente próximo à ave. Por isso, na concepção de Kroin, Kolody externaliza seu íntimo através de linguagem lírica quando ouve o canto de um pássaro que a inspirou; Bakun abraçou a

natureza por ser alheio aos homens, de modo que realçava o mínimo despercebido e ignorado como um ser que não apenas contempla a natureza, mas vive nela.

Nos versos 7, 8, 9 e 10 de “Borboletas”, Manoel de Barros estabelece uma comparação entre a visão de mundo do humano e do não-humano. Neles, os animais aproveitam e vivem a natureza como ela deve ser vivida, ao contrário da maioria dos seres humanos que, geralmente, ao invés de se sentirem parte dela, a compreendem como algo a ser dominado.

O domínio do homem é destacado por uma triste realidade histórica ocasionada pelo branco em uma parte da narrativa de Yara Miowa (1999, p.133; 134) no espaço da região do *Guayrá* :

Desrespeitando os limites de terras indígenas, estavam invadindo uma grande área para retirar as riquezas da floresta. [...] Está em pauta o possível deslocamento para aldeias mais longínquas. [...] Houve até alguns brancos que acompanharam grandes migrações de povoados indígenas, no liminar do século XVII, em direção ao Alto Paraná, fugindo das expedições bandeirantes assassinas. [...] requisitavam mão-de-obra para suas plantações de cana-de-açúcar e café. [...] Os que são levados para as cidades vivem às vezes sem teto sequer; lá não tem *tacuara* ou junco para fazer morada, nem *cipó* para amarrar seus casebres, e tudo se paga, até a água para se lavar.

Ainda no romance de Yara Miowa (1999), a autora descreve como o personagem Ubajara, tomado de superioridade, não respeitou à lei primeira da mata quando caçou em excesso. “No âmago da floresta não se pode omitir que a personalidade humana é parte integrante de um todo maior, no qual cada faceta está em constante interação com a sua própria interioridade e, ao mesmo tempo, com a totalidade de fenômenos que pulsam ao seu lado” (MIOWA, 1999, p.64).

A verdade é que a personalidade humana não foi capaz de adotar comportamentos “insetais” tais quais os das borboletas, e sim comportamentos “humanos”, que consideraram a natureza a serviço da humanidade. No entanto, quando uma paisagem não sofre a intervenção negativa da espécie humana, ela transmite a leveza e a naturalidade do bucolismo assim como a cena descrita em “Um bem-te-vi” e como as terras indígenas eram antes de serem invadidas.

De fato, é preciso mais que admirar a natureza, é preciso ter comunhão – como denotou Barros - com cada ser nela existente.

2.4.5 “Os sapos”

Nas palavras Greg Garrard (2006), a industrialização, através da produção da carne, é grande responsável pelo afastamento dos animais da vida cotidiana. Os poucos que restam são comparados a fantoches humanos por serem objetos de acordo com os interesses pessoais

como, por exemplo, personagens da Disney. Uma distinção feita pelo autor entre animais selvagens e animais domésticos consiste na ideia de que o primeiro está associado à liberdade e o segundo são servos femininos dos humanos.

Se na vida cotidiana a industrialização afasta os animais, na poesia, as exigências composicionais podem implicar a rejeição pela produção. “Os sapos”, de Manuel Bandeira, são exemplos dos opostos servos e libertos. Tanto o sapo que segue às regras quanto aquele que se sente à vontade para criar prestam incontestável entendimento de que nem toda arte poética exige certos sacrifícios para ser apreciada. A liberdade aparece como marca da poesia moderna e não a idealiza como um serviço.

É curioso ainda, que o animal escolhido para compor a defesa de uma poesia liberta é justamente um ser repugnante, o que prova que não cabe fazer comparações quando toda arte é digna de apreciação e encantamento.

3 METODOLOGIA

A realização deste trabalho consiste em uma análise poética que leva em conta impressões pessoais embasadas em concepções de teóricos. Esta pesquisa é de caráter exploratório documental, uma vez que se concentrou na coleta de dados através de materiais bibliográficos como obras publicadas em livros; artigos; matérias de revistas e de blogs para alcançar os objetivos.

O primeiro passo para a realização deste estudo foi a escolha do tema e, em seguida, a justificativa. Através de leituras indicadas durante o curso de Especialização em Língua Portuguesa, nos deparamos com uma pesquisa na disciplina de Literatura e Interseção com outras Artes, intitulada “Ensaio sobre ‘Maçã’” (Davi Arriguci Jr.), que contribuiu com a ideia de analisar outros poemas do poeta modernista brasileiro. O foco da análise foram os elementos da natureza representados na poesia de Manuel Bandeira e Manoel de Barros. Definidos o tema e a justificativa, os objetivos foram delimitados de acordo com os poemas selecionados e, ao longo deste trabalho, os subtítulos foram organizados à medida que aqueles foram alcançados.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A descrição dos resultados do presente divide-se de acordo com os objetivos delimitados na introdução, os quais cernem a identificação da poesia oculta e sua relação com a ecocrítica, a presença do bucolismo no Modernismo e a exploração da personificação.

4.1 A poesia des(oculta)

O contato com o natural proporciona inspiração capaz de obter sensibilidade suficiente para uma produção poética que defende a valorização do cotidiano, do pequeno, do simples, como partes que se relacionam com o ser humano.

A própria lua “de Manuel Bandeira”, ora conotativa, ora desmetaforizada, é objeto de elevado encanto e simplicidade, capaz de conceber a renovação através da adoção de hábitos que pensam a igualdade como modelo de esperança.

A cena do bem-te-vi a banhar-se livremente em “Um bem-te-vi” é o exemplo de que essa é uma maneira de interagirmos com as aves. Do contrário, tirar um pássaro de seu espaço e prendê-lo em uma gaiola significa condenar a sua vida sem ter cometido crime algum. O motivo da privação da liberdade de um pássaro passa a ser o egoísmo e a superioridade do ser humano em querer possuí-lo. Possuir algo que é uma parte de um todo se torna insignificante e totalmente sem sentido.

Sentimento de indiferença e identificação em relação aos animais está ligado, mais uma vez, à maneira com que o sujeito considera aquele ser e a si mesmo. Enquanto a superioridade que o ser humano acredita ter resulta em crueldade e egoísmo, a empatia gera amor e admiração.

4.2 A presença do bucolismo no Modernismo

Os elementos dos poemas analisados: rio, lua, árvores, borboletas, pássaros, sapos designam à relação deles entre si e entre os seres humanos. Como a ideia é uma criação poética renovada, a aposta em fazê-la com a escolha de coisas comuns e esquecidas se firma na expressividade criativa que as glorificam. Pontua-se, portanto:

- a) A transparência das águas de um rio mostra o interior das coisas e reflete tudo em volta;
- b) A lua continua a servir de inspiração para os apaixonados em razão de seu fascínio, proporcionado por uma luz gentilmente emprestada;

- c) Uma paisagem verde abundante é interpretada como sinônimo de vida. Regiões que não possuem árvores vívidas e são castigadas pela falta d'água como o Sertão do Nordeste brasileiro são biomas de cactos, planta retratada por Bandeira como símbolo de vida resistente à seca, mas que não escapa à inevitável morte (já que ela possa ser arrancada).
- d) Borboletas e pássaros, além de belos, são vistos como pensamentos livres e leves;
- e) Embora sapos transmitam o oposto do que um poema deva expressar, eles são exemplos de que qualquer coisa contém poesia.

A poesia moderna busca atribuir ao bucolismo a simplicidade vinculada ao ser humano e, para isso, emprega recursos estilísticos que pintam esta relação como personificações.

4.3 Exploração da personificação

Se alguns animais ou outros seres vivos causam desprezo devido a características negativas, isto significa a representação dos defeitos dos humanos; o mesmo vale para outros que despertam identificação em razão a aspectos positivos. Evidente tais considerações em fábulas e em alguns poemas.

No caso do sapo que tratava de artes poéticas, Bandeira conseguiu se expressar pela voz de um ser que causa asco a algumas pessoas, uma repulsa capaz de torná-lo vítima de crueldade, visto que é ignorado e classificado como inferior devido a sua aparência. Já o cacto, pode até não ser admirado pela beleza, mas pode ser reconhecido pela força que apresenta. E a lua não poderia ficar de fora dessa análise. É tão íntima dos poetas que passa a ser vista como uma testemunha do universo.

É justo acreditar que a personificação é responsável por conceder valor àquilo que estava oculto até então, ao aproximá-lo dos seres humanos. É uma técnica expressiva, indicada para tornar notável o inotável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A beleza presente no bucolismo é realçada artisticamente em pinturas e poemas ao passo que coloca o ser humano em contato com o natural. A presença da natureza na poesia de Bandeira e de Barros designa o provedor misticismo da lua enquanto satélite, a semelhança

entre o ser humano e animais e plantas, e como isso tudo possui estreitas relações que se sustentam.

Acredita-se que tudo na natureza é misterioso o suficiente para se conectar ao ser humano e fomentar discussões a respeito. Ao decorrer desta análise, conclui-se que existem noções que traçam a completude das coisas em uma composição de todas estas.

A imagem da lua, das plantas e dos animais possui significados comuns quando estão distantes do interior do indivíduo. Todavia, são próximos e subjetivos para os poetas. É um jogo de estar dentro e estar fora, no qual a primeira circunstância indica ser integrante e a segunda indica ser apenas espectador. Embora tudo esteja interligado, muitos não se dão conta disso.

Essa divergência de sentidos apoia-se na harmonia entre cada partícula existente, pois ocorre conexão apenas quando o sujeito se sente parte integrante de tudo ao seu redor através de um metafórico convite que o mundo natural lhe faz.

Coforme já mencionado, o natural não serve de matéria só para composições poéticas, como também para registros fotográficos de cenas banais. O encantamento despertado naquele que se sente na “obrigação” de fazer uma foto, pintar uma tela ou escrever um poema de uma imagem que atrai pela discrição explica o comportamento ideológico de que o homem vive na natureza e a explora sem destruí-la.

O oposto disso está concentrado na lamentável ambição humana, responsável pela insensibilidade, que dá pouca importância à riqueza do belo e muita aos lucros proporcionados pela industrialização.

Por esse motivo, principalmente, que os estudos relacionados à Ecocrítica se fazem essenciais quanto ao merecido tratamento para com a natureza. Essa área contribui para a promoção do respeito entre todos os seres que dividem o mesmo espaço natural.

É conveniente frisar que, através da poesia bucólica, a subárea Ecofeminismo defende a igualdade de consideração entre as espécies, visto que compõem um todo. A transformação poética que consiste em equiparar as coisas através de conotações perfeitas - cujas colocam o humano e o não-humano frente a justos valores - é crucial para reconhecer que é possível desentranhar de Qualquer parte uma poesia livre.

Praticamente, concretiza-se que trabalhar com o mundo natural oferece possibilidades de produzir belíssimos poemas que chamam a atenção para aquilo que precisa. Para finalizar, indica-se entre os elementos analisados, a ligação entre astros como o sol e a lua para servir de estudos aprofundados da poesia moderna brasileira.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Edimara Lisboa. **Da coisa noite à construção do dia: Manuel Bandeira e João Cabral.** Copyright. 2010. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/2065632>>. Acesso em: abr. 2020.

ARRIGUCCI JR., Davi. **O cacto e as ruínas: a poesia entre outras artes / Davi Arrigucci Jr.** (Coleção Espírito Crítico). Ed. 34 — São Paulo: Duas Cidades, 2000. Disponível em: <<file:///C:/Users/Pc/Desktop/salvo/Documents/Pós/Monografia/Arrigucci-Jr.-David.-O-Cacto-e-as-Ruínas.pdf>>. Acesso em: abr. 2020.

BALTHASAR, Marisa. **Singular & plural: leitura, produção e estudos de linguagem: manual do professor/** Marisa Balthasar, Shirley Goulart. – 3 ed. Moderna – São Paulo, 2018.

BANDEIRA, Manuel. **A cinza das horas; Carnaval; O ritmo dissoluto.** Frente Editora: Rio de Janeiro, 2008.

_ BLOG CULTURA GENIAL/ AIDAR, Laura. **Conheça 10 poemas incríveis de Manoel de Barros para crianças.** Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/poemas-manoel-de-barros-infancia/?fbclid=IwAR2XOriy0nsrJXD8b1ytNx6-kc1AjJOSd9IxfWRFPV8iYUKpgwp98LDb6sw>>. Acesso em: abr. 2020.

_ BLOG CULTURA GENIAL/ FUKS, Rebeca. **10 grandes poemas de Manoel de Barros comentados.** Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/manoel-de-barros-poemas/>>. Acesso em: abr. 2020.

_ BLOG CULTURA GENIAL/ FUKS, Rebeca. **Poema Os sapos, de Manuel Bandeira.** Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/poema-os-sapos-manuel-bandeira/>>. Acesso em: abr. 2020.

GARRARD, Greg **Ecocrítica / Greg Garrard;** tradução de Vera Ribeiro: Editora Universidade de Brasília - Brasília, 2006. Disponível em: <

[file:///C:/Users/Pc/Desktop/salvo/Documents/Pós/Monografia/Ecocrítica%20\(Greg%20Garrard\).pdf](file:///C:/Users/Pc/Desktop/salvo/Documents/Pós/Monografia/Ecocrítica%20(Greg%20Garrard).pdf)> Acesso em: abr. 2020.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Papyrus: Campinas, 1990. Disponível em: <[file:///C:/Users/Pc/Desktop/salvo/Documents/Pós/Monografia/As%20três%20ecologias%20\(Felix%20Guattari\).pdf](file:///C:/Users/Pc/Desktop/salvo/Documents/Pós/Monografia/As%20três%20ecologias%20(Felix%20Guattari).pdf)>. Acesso em: abr. 2020.

KROIN, Vanderlei. **Imagens da natureza na poesia de Helena Kolody e na pintura de Miguel Bakun**/ Revista de Literatura, História e Memória. Vol. 12 - Nº 19 –Cascavel: 2016. Disponível em: < [file:///C:/Users/Pc/Desktop/salvo/Documents/Pós/Monografia/15732-57721-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Pc/Desktop/salvo/Documents/Pós/Monografia/15732-57721-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: mai. 2020.

LÍNGUA/ FIORIN, José Luiz. **Os perigos da gramática: os 11 erros que colocam em risco a fala e a escrita dos brasileiros/ Alterando a natureza das coisas: técnica da personificação ou prosopopeia permite dar traços humanos a objetos e entes abstratos, intensificando o que se quer expressar**. Segmento, 2012

MARTINS, José Pedro Soares. **Depois do arco-íris: uma proposta ecológica/ José Pedro Soares Martins**. FTD – São Paulo, 1991.

MIOWA, Yara. **Kuarahy Corá: o círculo do sol/ Miowa, Yara**. – 1.ed. Elevação - São Paulo, 1999.

SANTOS, Claudete Daflon dos. **Saber e natureza na poesia de Silva Alvarega**. 2017. Disponível em: < <file:///C:/Users/Pc/Desktop/salvo/Documents/P%C3%B3s/Monografia/780-1947-1-PB.pdf>>. Acesso em: mai. 2020.

WILSON, José Flores Jr. **Natureza e modernização em “O cacto”, de Manuel Bandeira**. Cerrados: Brasília, 2018. Disponível em: <[file:///C:/Users/Pc/Desktop/salvo/Documents/Pós/Monografia/19994-Texto%20do%20artigo-37180-2-10-20181228%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Pc/Desktop/salvo/Documents/Pós/Monografia/19994-Texto%20do%20artigo-37180-2-10-20181228%20(1).pdf)>. Acesso em: mai. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Poema de minha autoria.

Fazendo Arte

*Numa cadeira de balanço –
perfeita invenção -
Contemplo mais um dia
que se despede.*

*Assim como o último
raio de sol se dissolve
no colorido do céu,
Meu minucioso tricô
tem seu fio de lã puxado
Com extrema agitação
Pelas garras do meu felino
bigodudo.*

*Ah, ser místico!
Tu desfazes a minha arte
Para fazeres a tua...*

Janaina da Silva Candido

Setembro, 2019.

APÊNDICE B – Desenho de minha autoria.

